

On the trail of the existence, the listening that warms the soul: psychological duty possibilities and perspectives

Na trilha do existir, a escuta que acalenta a alma: plantão psicológico possibilidades e perspectivas

Amliz Andrade da Silva
Ewerton Helder Bentes de Castro

Abstract: Primary and secondary schools in our country, in general, have been the scene of numerous situations regarding the mental health of adolescents enrolled there. One of the issues considered most relevant concerns the relational configurations often experienced under the bias of dysfunctionality. This work is the result of the Psychological Duty at Escola de Manaus and aims to listen to the suffering that the teenager is going through and, with that, find strategies that he can use to face the situation. Listening is of phenomenological inspiration and the method used is the phenomenological research in Psychology. The look of understanding for the speeches is based on the theoretical contribution of phenomenological-existential Psychology. The meetings took place at the school itself with 15 adolescents and 1 adult, female (8) and male (8), aged between 15 and 21 years, high school. Listening allowed us to delve into several situations: self-injury (3), affective-sexual relationships (4), dysfunctional family relationships (3), anxiety crises (3), aggressiveness (1), sexual abuse and abusive relationships (1), excessive shyness (1). In the qualitative bias, two teenagers were heard and their speeches were used for the analysis. It was noticed in the speeches issues related to the commitment of their human world and their own in view of their relationships with others and with themselves being experienced under the bias of pain and existential suffering. It is concluded that the listening developed in this type of activity enables the other to take responsibility for his own journey, for facing these situations experienced.

Keywords: Psychological duty, students, existentiality, existential-phenomenology.

Resumo: As escolas de ensino fundamental e médio em nosso país, de modo geral, têm sido palco de inúmeras situações no que tange à saúde mental dos adolescentes ali matriculados. Uma das questões consideradas de maior relevância diz respeito às configurações relacionais muitas vezes vivenciadas sob o viés da disfuncionalidade. Este trabalho é resultado da atuação do Plantão Psicológico em Escola de Manaus e objetiva a escuta do sofrimento pelo qual o adolescente está passando e, com isso, encontrar estratégias que o mesmo pode estar lançando mão para realizar o enfrentamento da situação. A escuta é de inspiração fenomenológica e o método utilizado o fenomenológico de pesquisa em Psicologia. O olhar de compreensão para os discursos está pautado no aporte teórico da Psicologia fenomenológico-existencial. Os encontros ocorreram na própria escola com 15 adolescentes e 1 adulto, do gênero feminino (8) e gênero masculino (8), com a faixa etária de 15 a 21 anos, ensino médio. A escuta propiciou adentrar por várias situações: autolesão (3), relações afetivo-sexuais (4), relações familiares em disfuncionalidade (3), crises de ansiedade (3), agressividade (1), abuso sexual e relação abusiva (1), timidez excessiva (1). No viés qualitativo foram escutados dois adolescentes e seus discursos foram utilizados para a análise. Percebeu-se nas falas questões relativas ao comprometimento de seu mundo humano e próprio tendo em vista suas relações com o outro e consigo mesmo estarem sendo vivenciadas sob o viés da dor e do sofrimento existencial. Conclui-se que a escuta desenvolvida neste tipo de atividade possibilita o outro trazer para si a responsabilidade pelo próprio caminhar, pelo enfrentamento dessas situações experienciadas.

Palavras-chave: Plantão psicológico, discentes, existencialidade, fenomenologia-existencial.

Introdução

As escolas de ensino fundamental e médio em nosso país, de modo geral, têm sido palco de inúmeras situações no que tange à saúde mental dos adolescentes ali matriculados. Uma das questões consideradas de maior relevância diz respeito às configurações relacionais muitas vezes vivenciadas sob o viés da disfuncionalidade.

Considerando a inexistência de profissionais suficientes, no serviço público, para atender a demanda da população, o atendimento de emergência torna-se não só uma utilidade, como uma necessidade. (Gomes, 2012, p.21).

Segundo Tassinari (1999), o conceito da prática do plantão psicológico refere-se a (...) um tipo de atendimento psicológico, que se completa em si mesmo, realizado em uma ou mais consultas sem duração pré-determinada, objetivando receber qualquer pessoa no momento exato de sua necessidade para ajudá-la a compreender melhor sua emergência e, se necessário, encaminhá-la a outros serviços. Tanto o tempo da consulta, quanto os retornos dependem de decisões conjuntas (plantonista/cliente) no decorrer do atendimento. É exercido por psicólogos que ficam à disposição das pessoas que procuram espontaneamente o Serviço em local, dias e horários pré-estabelecidos, podendo ser criado em diversos locais e instituições. Em cada ambiente, precisará, criar estratégias específicas, desde sua divulgação (processo de sensibilização à comunidade) até sua relação com a própria instituição/local (p. 44).

Frente às dimensões subjetivas do sofrimento, este não pode limitar-se a partir dos acontecimentos que o desencadeiam. De acordo com Brant e Minayo-Gomez (2004),

O sofrimento depende da significação que assume no tempo e no espaço, bem como no corpo que ele toca (...). O homem sofre porque passa a perceber a sua finitude; o que faz do sofrimento uma dimensão não apenas psicológica, mas, sobretudo existencial (p. 215).

Assim sendo, o presente estudo tenciona apresentar e descrever, de forma sucinta, os fundamentos básicos do serviço de plantão, bem como os detalhes da prática e evidências que fundamentam sua primordialidade para a saúde mental. O que pode ser comprovado a partir dos próprios relatos de quem já foi atendido solidificando a eficácia da ação para todos eles.

Plantão psicológico: possibilidades e perspectivas

A dificuldade em responder à demanda em contínuo crescimento de pessoas por questões relativas à saúde mental, fez surgir o Plantão Psicológico, na década de 1960, período em que a psicologia começou a se consagrar enquanto profissão no Brasil. Com isso, apenas na década de 80 o Plantão Psicológico passou a popularizar no país, especialmente nas universidades e clínicas psicológicas. A partir daí, diversas instituições passaram a oferecer atendimento psicológico gratuito ou a baixo custo para a população. A década de 70 do século passado foi criado o primeiro serviço de aconselhamento psicológico no Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo, sob a regência da Profa. Rachel Léa Rosemberg que, àquele momento, vislumbrava a possibilidade do acompanhamento psicológico a pessoas sob os parâmetros da teoria de Carl Ransom Rogers, psicólogo americano criador da Abordagem Centrada na Pessoa, a Terceira Força em Psicologia, o Humanismo.

Embora seja reconhecida como prática há muito consolidada como parte inerente à saúde mental, o Plantão Psicológico destaca-se dentro do molde clássico de atendimento clínico graças a sua possibilidade em atender uma demanda diversificada, despontando assim como uma alternativa à resposta padrão do psicólogo.

Considerando sua importância no exercício de desenvolvimento da saúde mental, o serviço emergencial oferece a escuta e o acolhimento para aqueles que necessitam aliviar seu sofrimento.

O plantão surgiu para atender à grande demanda de sofrimento advinda da atual situação econômica, social, política e cultural em que se encontra a população brasileira, a qual, muitas vezes, não tem recursos ou acesso a atendimento nos consultórios particulares (Furigo et. al., 2008, p. 186).

Alguns estudos foram desenvolvidos mostrando a abrangência e a importância das atividades desenvolvidas no Plantão Psicológico. Dentre estes, temos: Mahfoud (2012, 2018); Doescher & Henriques (2012), Scorsolini-Comim (2014, 2015), Schimidt (2015), Farinha & Souza (2016), Vendramel, Pocaia & Santos (2017), Vilella e Souza (2018). Há unanimidades dentre estes autores sobre a possibilidade de ser desenvolvido um trabalho com o Outro que culmina no encontro de estratégias de enfrentamento por parte dele e, sem dúvidas, esse resultado inicia um movimento a partir de si mesmo, por si mesmo e para si mesmo, eis a pluridimensionalidade da atividade.

O Plantão Psicológico em Escolas da Rede Pública de Ensino em Manaus se deu após constatar-se preocupação quanto a questões de saúde mental dos alunos, com isso, foi criado tensionando compreender a existencialidade adolescente a partir do aconselhamento psicológico realizado. São demandas muito variáveis e que têm sido trazidas até os plantonistas.

Iniciando contando com apenas dois alunos do curso de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, e atualmente, devido a grande procura e aumento no número de estagiários o plantão que inicialmente contaria com 2 escolas passou a ser desenvolvido em 13 escolas, sendo 10 da rede estadual e 3 da rede municipal de ensino. Concomitantemente, o projeto foi aprovado como projeto de extensão na Ufam e na SEDUC obteve a aprovação para ser realizado.

A contemporaneidade em seu ritmo feérico aponta para os mais diversos matizes do existir. Diante disso, uma série imensurável de situações têm atingido a adolescência, fase por si mesma muito complexa pela dinamicidade das transformações que o organismo e o psíquico são submetidos, e com isso, o olhar da Psicologia sobre o adolecer necessita ser transformado. Assim, casos de bullying, crises de ansiedade e angústia, abuso sexual, assédio sexual, violência doméstica e suas consequências nas relações sociais de forma geral, comportamentos autodestrutivos e autolesivos, dentre outros.

Na atividade que ora apresentamos, a institucionalização da proposta ocorreu da seguinte maneira:

- a) Apresentação do projeto para a escola e a Seduc e consequente aprovação;
- b) Apresentação da proposta para pais e corpo técnico da escola;
- c) Apresentação para os discentes do ensino fundamental e médio;
- d) escolha do ambiente;
- e) realização do aconselhamento psicológico.

Característica levada em consideração diz respeito ao número de vezes que o adolescente pode ser acompanhado, são em total 5 vezes. A partir daí, os supervisores encaminham o aluno para acompanhamento psicoterápico realizado pela rede de apoio do projeto: clínicas-escola, estagiários dos períodos finais de Psicologia.

A rede apoio e assistência psicológica é composto por estagiários sêniores de psicologia da UFAM, bem como clínicas de ensino de diversos cursos de graduação em psicologia em Manaus, incluindo a Escola Superior Batista do Amazonas - ESBAM, a Universidade Estácio, a Uninorte, a Faculdade Metropolitana de Manaus - FAMETRO, a Universidade Federal do Amazonas, a Universidade Paulista e a Faculdade Santa Teresa.

Com isso, e dada a pluridimensionalidade das demandas expostas pelos alunos e professores atendidos, estabeleceu-se posteriormente, parcerias com a Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente; Delegacia da Mulher e a Comissão de Apoio e Proteção da Mulher da Ordem dos Advogados do Brasil, seção Manaus o que, inclusive, tem possibilitado a denúncia de abuso sexual infantil e violência contra a criança, ao adolescente e a mulher.

Partindo de tais ponderações, constata-se que toda a fundamentação ontológica dos homens discutida pela perspectiva fenomenológico-existencial se mantém implícita na relação entre pesquisador e o fenômeno a ser investigado, o que configura o aspecto existencial humano.

Essas práticas clínicas fenomenológicas que visam à compreensão da demanda enquanto expressão do mundo vivido, ou seja, sua vivência através das relações com o outro, com o meio, com culturas de maneira que a subjetividade é sempre dada como intersubjetividade. O que de acordo com, Moreira (2009) significa que é na interseção entre a vivência do indivíduo atendido visto que este, busca desenvolver suas teorias passíveis de verificação empírica.

Para aludir ao homem em seu ser, em uma conjuntura ontologia fundamental, Heidegger utiliza-se do termo Dasein. Este, é concebido em um primeiro momento como o que o autor chama de um ente privilegiado, o único capaz de interrogar o ser, e único dotado do caráter de poder-ser, trazendo a luz marcas da expressão de sua singularidade máxima, tornando qualquer universalização distante de seu caráter fundamental (Feijoo, 2011).

O Dasein já caiu em determinadas possibilidades, e sendo o poder-ser que ele é, já deixou passar tais possibilidades, doando constantemente a si mesmo as possibilidades de seu ser, assumindo-as ou mesmo recusando-as. Isso diz, no entanto, que para si mesmo o Dasein é a possibilidade de ser que está entregue a sua responsabilidade [...] (Heidegger, 2013, p. 204).

A essência do Dasein embasa-se em sua existência, num sentido primordial, como uma derivação do termo ek-sistere, que significa “sair”, “mostrar-se”, “estar fora” (Heidegger, 2008/1986). Sendo assim, este é um ser-lançado-no-mundo, ou ser-no-mundo, existencial que atribui as “múltiplas maneiras que o homem vive e pode viver, os vários modos como ele se relaciona e atua com os entes que encontra e a ele se apresentam” (Spanoudis, 1981, p. 16).

Com isso, apesar da filosofia contrapor-se à constatação de nossa relação com o mundo a partir de conjecturas materialistas, consente que o homem seja concebido como pura negatividade, no sentido de se definir a consciência. Daí a importância de uma filosofia da natureza que se disponha a investigar a gênese do negativo, ancorando-o no corpo e na sua relação com o mundo e com os outros. Merleau-Ponty, em sua teoria afirma que esta filosofia da natureza se conjectura amparada por disciplinas como a neuropsiquiatria, a psicanálise, a psicologia da criança, a psicologia animal, a psicologia experimental, e a antropologia.

Assim sendo, em uma tentativa de transpor a separação entre sujeito-objeto, Merleau-Ponty alega que o homem é essencialmente corpoconsciência-do-mundo, posto que o corpo é mundo e alma simultaneamente, e o corpo do homem não é nem pura coisa nem a pura ideia, ele integra misteriosamente o percebido e o ato de perceber, o em si e o para si, pois está no mundo e é para o mundo; põe-nos em contato com o mundo e ao mesmo tempo é o modo segundo o qual nos revela ao mundo.

Dessa forma, o presente estudo tencionou apresentar e descrever, de forma sucinta, os fundamentos básicos do serviço de plantão, bem como os detalhes da prática e evidências que fundamentam sua primordialidade para a saúde mental. O que pode ser comprovado à partir dos próprios relatos de quem já foi atendido solidificando a eficácia da ação para todos eles.

Sendo assim, a escuta terapêutica neste contexto, resgata as dimensões da condição humana compreendendo-as como um acontecimento memorável mas cujos obstáculos podem ser transpostos ou adaptados a uma ressignificação.

Método

O estudo de caso fundamenta-se na investigação, na qualidade de unidade, trazendo reconstrução da história do indivíduo e as características mais importantes para o objeto de investigação da pesquisa., podendo ainda esquadrihar cada uma das possibilidades e formas.

Os atendimentos realizados tiveram duração aproximada de cinquenta a cento e vinte minutos, sob o viés da fenomenologia existencial Ensino Médio, foi acolhida em sua demanda pelo plantonista e, a partir daí, a escuta ativa foi implementada com o objetivo de compreender as várias dimensões existenciais. Após cada um desses momentos, foram elaborados os relatos em formulário criado para a atividade e, em seguida, discutido em supervisão.

[...] o encontro no plantão tem como pressuposto que a pessoa que busca ajuda possa compreender melhor a sua problemática e sua situação imediata, sendo que o profissional de Psicologia deve estar disponível para explorar possibilidades de resolução do problema sempre com uma atitude de interesse pelo relato e de modo aberto à escuta, em uma consideração positiva pelo outro e pelo que lhe é relatado. O cuidado prestado na urgência pode se dar em forma de acolhimento, compreensão da queixa, de fornecimento de informações e, também, como espaço de escuta e de ressignificação de posturas. Posteriormente, pode ocorrer o encaminhamento dessa pessoa para outros serviços e especialidades (Scorsolini-Comin, 2015, p.164).

Caracteriza-se o presente estudo enquanto qualitativo-quantitativo, uma vez que, a pesquisa compreende a apresentação de itens mensuráveis e, concomitantemente, um olhar qualitativo sobre a vivência (Creswell, 2007). E na qualitativa a compreensão dessas vivências em questão (Minayo, 2015).

O método utilizado foi o fenomenológico-psicológico preconizado por Giorgi & Souza (2010). Entretanto, foi feita adequação ao 2º e 3º passo do supracitado método no que tange: a) Passo 2: Identificação das Unidades de Significado que neste estudo são as falas trazidas pelos alunos e aqui elencadas; b) Transformação das Unidades de Significado em proposição de caráter psicológico que neste estudo é a análise da fala propriamente dita onde imbricados com a perspectiva teórica da Fenomenologia-Existencial.

Local: escola do ensino fundamental e médio na cidade de Manaus.

Participantes: 2 adolescentes, gêneros masculino e feminino, 16 e 18 anos, respectivamente.

Resultados e Discussão

Conforme tínhamos informado anteriormente, esta seção do estudo apresentará os aspectos quantitativos e qualitativos. No primeiro momento são trazidos os dados mensuráveis que caracterizam este tipo de pesquisa. Em seguida, os dados qualitativos, os excertos de discurso do adolescente serão apresentados e analisados sob o viés da fenomenologia-existencial.

Viés quantitativo

O tradicionalismo positivista presente na pesquisa quantitativa, busca de um modo geral descrever os aspectos do raciocínio dedutivo, da lógica e os atributos mensuráveis.

De acordo com a teoria de Fonseca (2002, p. 20):

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente

Quanto ao gênero com que se identificam, 8 participantes declararam identificar-se com o gênero masculino (50%) e 8 participantes identificaram-se como do gênero feminino (50%). No que se refere à idade dos participantes, a grande maioria possui entre 15 e 16 anos, e apenas uma variância com um adulto de 21 anos.

Quadro 1 – Demandas mais prevalentes

Autolesão	3
Relações afetivo-sexuais	4
Timidez Excessiva	1
Relações Familiares em Disfuncionalidade	3
Crises de Ansiedade	3
Agressividade	1

Fonte: formulário de relato (2022).

Viés qualitativo: as falas

A pesquisa qualitativa atenta-se, aos aspectos da realidade que não podem ser quantificados, mas ao invés disso, podem ser compreendidos e justificados por intermédio da dinâmica das relações sociais. De acordo com Minayo (2015), este modelo de pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, crenças, valores, e tudo mais o que compreende um espaço mais profundo de relações, processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos ao que chamamos de operacionalização de variáveis.

Utilizada a princípio apenas em estudos de Antropologia e Sociologia, como contraponto à pesquisa quantitativa dominante, tem expandido seu campo de atuação como a Psicologia por exemplo. Contudo, a pesquisa qualitativa é ainda criticada por seu empirismo, subjetividade e pelo envolvimento emocional do pesquisador (MINAYO, 2015, p. 14).

A busca pelo plantão é espontânea. Assim, E.S.N.J. o primeiro participante, nos procurou para expor sua história. Pais separados, o adolescente convive com o pai e a madrasta. Após a apresentação de ambos – plantonista e adolescente -, o mesmo relatou não possuir boa relação com a madrasta, frente à sensação de não ser aceito:

ela [a madrasta] nunca gostou de mim, desde quando ela me conheceu que ela parece que tem ciúmes de mim, sei lá! (E.S.N.J. 16 anos, aconselhamento realizado em junho, 2022)

A ausência de aceitação das próprias inseguranças e das limitações da existência geram um sentimento de confusão, podendo ainda causar certo desânimo, comportamento alheio ao meio e mesmo revolta, como resultado da ausência de um reconhecimento de si, o que segundo Forghieri (2011, p. 54), “nos momentos de intenso sofrimento, é comum a pessoa sentir-se sozinha e distanciada, não apenas das situações concretas, mas, principalmente, de seus semelhantes”. Assevera:

a realidade para o ser humano está originariamente fundamentada na compreensão que ele tem das situações que vivencia, nela estando implícitas as três dimensões temporais de seu existir: como ele tem sido (passado), como está sendo (presente) e como poderá vir a ser (futuro) (Forghieri, 2011).

No que tange à vivência dos elementos disfuncionais da família, a ênfase nos aspectos das relações familiares se faz presente. O déficit na escuta, ausência de diálogo, e união podem configurar-se em: o individualismo. Este, descrito como a ausência de interesse nas questões que não lhe dizem respeito, essa falta de união, sendo fundamental para a vivência familiar enquanto suporte e apoio de seus componentes, consequências do individualismo.

Como nos diz Heidegger (2013) somos ser-no-mundo sendo com-o-outro, o que significa dizer que estamos mergulhados continuamente em configurações relacionais que nos provocam, causam estranheza, nos

lançam em situações as mais variadas e nos convida ao crescimento. Ser-com é compreendermos a pluridimensionalidade do existir em conjunto com quem caminha conosco.

Raramente falo com as pessoas de casa e sempre que tento interagir me sinto mal. É como se minha casa não fosse meu lar. Me sinto um intruso em minha própria casa e parece que não faço parte da família. Não tenho com quem conversar e me expesso na forma como me visto, nas músicas que eu gosto, essas coisas só (E.S.N.J. 16 anos, aconselhamento realizado em junho, 2022).

Entretanto, relações há aquelas experienciadas sob o viés da desconfiança, do ciúme, do distanciamento. E isso causa sofrimento, provoca naquele que está imerso em situações com essa característica o que Castro (2021) ressalta na Perspectiva dos Três Olhares na Clínica de inspiração fenomenológica no que tange ao Outro em nosso caminhar que, ao distanciar-se, provoca um fechamento naquele do qual se distancia.

Como seria esse “fechamento”? Ora, existir, do grego ek-sistir, literalmente significa “sair para fora”, ou seja, traduzindo para a língua portuguesa representa “abertura”. Esse abrir-se, se constitui na possibilidade de vivenciarmos a liberdade em realizar nossas escolhas e tomar nossas decisões, caminhar mais seguros e observamos a vida sob o viés da possibilidade. O contrário ocorre quando o fechamento é vivenciado, pois nos sentimos presos a algumas situações ou atitudes do outro em relação a nós e nossas vidas, e isso é origem de uma série de questões existenciais, tais como: o ensimesmamento, insegurança emocional, autocobrança exacerbada.

A fala do adolescente nos traz o que causa esse fechar-se. Não está conseguindo conviver com a atitude de distanciamento da madrasta. São atitudes como essas que provocam a sensação de que talvez não possua capacidade e habilidade para a socialização. Em contrapartida, tem um modo muito dele de expressar, ou seja, de ir além do fechamento: o vestuário, a música! Se por um lado, não lhe é permitido pertencer ao nicho familiar, por outro lado, tem mecanismos através do qual mostra sua insatisfação.

O próximo discurso que trazemos é de uma adolescente que se dirigiu ao Plantão Psicológico procurando ajuda para compreender o que estava ocorrendo em sua vida, principalmente suas crises de ansiedade recorrentes. Sua história, sua vida, seus impasses, suas im-possibilidades. Os vários contextos de sua vida foram expostos.

A aluna sentou-se com a cabeça baixa e postura encurvada e falou sobre o sentir-se desrespeitada por uma docente da escola que via whatsapp que escrevera: “ainda bem que sua mãe está morta, ou ela morreria de desgosto com a filha que tem” e a insultava ou referia-se a ela de forma grosseira sempre que a via ou falava com ela.

Compreendemos que a assertiva lançada pela docente, além do desrespeito explícito, percebe-se, como resultado, nesta situação, mais uma vez o fechamento sob o viés da crise de ansiedade e da emoção expressa sob a forma de choro no primeiro momento do encontro entre plantonista e adolescente. É um fechamento em que a dor por ter perdido a mãe aos 6 anos, vem somar-se ao preconceito e a discriminação expressos na fala da professora.

Heidegger (2013) ressalta que um dos aspectos presentes na vida do ser-no-mundo é relativo à inautenticidade de um para com o outro. A docente, deixa de lado, ao que parece, o seu lugar de cuidar, para se lançar no lugar de agredir, humilhar, causar desânimo e tristeza na adolescente. A inautenticidade do cuidar é expressa quando tomo para mim as escolhas do outro e as diminuo, impedindo que essa pessoa consiga ser quem realmente é em suas possibilidades.

Ponto relevante na história da adolescente diz respeito à relação com o pai que durante anos. Entretanto, o discurso que traz é de condescendência para com as atitudes dessa figura significativa, tendo em vista que

Minha mãe faleceu quando eu tinha 6 anos e desde essa época morava com meu pai. Ele passou a me aliciar quando estava com 7 anos e a me abusar até agora. Não quero outra família além de meu pai, que já é velho e por isso cuido dele e da casa [...] meu pai passa a mão em mim na frente do meu namorado que não faz nada, mas eu gosto dele [do pai] e que ninguém liga pra mim. Meu pai me procura menos desde que arranhou uma namorada e meu namorado está me traindo novamente. Mas, é tudo o que eu tenho e acho que serei feliz, só estou sobrecarregada (A.M.L. 18 anos, aconselhamento em junho, 2022)

Chama a atenção, no relato desta adolescente a pluridimensionalidade de uma existência e um existir silenciados (Castro, 2020). É violada e violentada pela figura mais significativa de sua vida, seu pai. Passa a viver em comunhão carnal com o pai. Contudo, justifica que é o que tem, como se fizesse parte do processo, fosse algo normal. Aliás, em seu discurso é como se naturalizasse esse sentimento em relação ao que o pai faz com ela desde os 6 anos de idade.

Na perspectiva dos Três Olhares, um deste adquire uma dimensionalidade ímpar em algumas situações, o olhar sobre si mesmo. A característica deste fundamento diz respeito ao fato de que esse olhar é de extrema importância na processualidade de nosso existir, tendo em vista que, ao direcionar para mim mesmo deduz-se que nos apreciamos como somos e em quem nos tornamos. Entretanto, quando esse olhar se volta apenas para o olhar do Outro, eu desapareço em minha própria trajetória de vida, me arremesso em apenas viver de acordo com o que acho e em meu discurso é o mesmo da adolescente: é tudo que tenho e acho que serei feliz!

O Plantão Psicológico possibilita a reflexão. Não se dá o caminho, o caminho se mostra pelo próprio adolescente. Ao final do aconselhamento, ambos ressaltaram:

to me sentindo mais leve e com a alma menos pesada. (A.M.L. 18 anos, aconselhamento em junho, 2022)

Preciso retornar para a sala, mas vou estar pensando em algo para ajudar na minha relação com meu pai, estreitar laços, porque sinto muita falta (E.S.N.J. 16 anos, aconselhamento realizado em junho, 2022).

Percebe-se que o Plantão atinge seus objetivos: acolhe, escuta, cuida!

Considerações finais

O Plantão Psicológico possibilitou que novas experiências fossem vivenciadas, tanto entre os profissionais e estagiários quanto ao corpo docente, que dessa maneira passaram por uma expansão no que se refere à sua visão de subjetividade. Isso, além de viabilizar a ressignificação de situações subjetivas para cada um.

Com isso, a pesquisa que foi inicialmente proposta como um recurso de escuta, acolhimento e orientação, dirigido a alguns estudantes e corpo docente, ainda demonstrou uma das inúmeras formas de levar a psicologia para além dos espaços de formação, utilizando-se do conhecimento adquirido, e oportunizando assim ao psicólogo em formação disseminar as práticas e adquirir conhecimento através da experiência da escuta.

Em suma, o Plantão Psicológico pode ainda classificar-se enquanto o Serviço de Urgência Psicológica, visto que os que se encontram em situação de emergência, crises, ou mesmo dificuldades as quais buscam ajuda para superar, podem comparecer sempre que sentirem necessidade, para que então possa ser ouvido e auxiliado em sua busca pelo enfrentamento de angústias e sofrimento.

Por fim, através da interpretação dos resultados colhidos neste estudo, as atividades do plantão mostram-se essenciais para os indivíduos em geral, já que é um serviço de maior facilidade em ser encontrado, melhor direcionados às demandas específicas que são trazidas, assim como oportuniza o desenvolvimento de novos estudos sobre esta prática tão rica e necessária.

Além disso o Plantão Psicológico oportunizou aos alunos, professores e gestores das mais diversas séries do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino pudessem ser escutados e acolhidos para além do que o Estado do Amazonas consegue configurar, visto que a SEDUC não possui psicólogos o bastante para atender à cada escola de cada uma das 7 coordenadorias distritais. Os atendimentos inicialmente voltados aos alunos alcançaram não só o corpo estudantil, mas os demais funcionários das escolas assistidas, bem como seus pais e outras instituições ainda não integradas ao projeto.

Apesar de não propor a cura do paciente, o Plantão Psicológico suscitou uma reflexão quanto aos assuntos cotidianos através da escuta de livre demanda, além de analisar e aprender a lidar com os problemas, crises e emergências que possam ressurgir futuramente.

Sendo assim, conclui-se que a escuta desenvolvida neste tipo de atividade possibilita ao outro trazer para si a responsabilidade pelo próprio caminhar, pelo enfrentamento dessas situações experienciadas.

Referências

- [1]. Brant, Luís Carlos & Minayo-Gomez, Carlos (2004). A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. *Ciência e Saúde Coletiva*, 9 (1), 213-223.
- [2]. Creswell, John W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto* trad. Luciana Rocha – 2ª ed. – Artmed, 2007.
- [3]. Doescher, Andréa Marques Leão; Henriques, Wilma Magaldi. (2012) Plantão psicológico: um encontro com o outro na urgência. *Psicologia em Estudo*, 17(4): 717-723, out.-dez.
- [4]. Farinha, Marciana Gonçalves & Souza, Tatiana Machiavelli Carmo (2016). Plantão psicológico na delegacia da mulher. *Revista da SPAGESP*, 17(1), 65-79.
- [5]. Bezerra, Edson do Nascimento (2014). Plantão psicológico como modalidade de atendimento em psicologia escolar: Limites e possibilidades. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 14, n. 1, p. 129-143.

- [6]. Feijoo, Ana Maria Lopes Calvo de (2011). A existência para além do sujeito: A crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais. Edições IFEN: Viera Verita.
- [7]. Feijoo, Ana Maria Lopes Calvo de (2017) Existência & Psicoterapia – da Psicologia sem objeto ao saber-fazer na clínica psicológica existencial. IFEN.
- [8]. Forghieri, Yolanda Cintrão (2011) Psicologia fenomenológica: fundamento, método e pesquisa. Pioneira.
- [9]. Mahfoud, Miguel (2018). Subjetividade como acontecimento, central e pessoal e plantão psicológico: horizontes reabertos. In Giovanetti, José Paulo (Org.) Fenomenologia e psicologia clínica, ed. Artesã, p. 53-71.
- [10]. Mahfoud, Miguel (Org.) (2012) Plantão psicológico: novos horizontes. Companhia Ilimitada.
- [11]. Minayo, Maria Cecília de Souza (2014). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade - 18 ed. - Vozes.
- [12]. Santos, Luane Neves (2017). O Compromisso Social da Psicologia: um estudo sobre o desenvolvimento de um projeto crítico Tese de Doutorado em Educação: Psicologia da Educação, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- [13]. Scorsolini-Comin, Fabio (2015). Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. Psico-USF [online]. v. 20, n. 1
- [14]. Scorsolini-Comin, Fábio (2014). Plantão psicológico centrado na pessoa: intervenção etnopsicológica em terreiro de Umbanda. Trends in Psychology Temas em Psicologia, Vol. 22, nº 4, 885-899 DOI: 10.9788/TP2014.4-16
- [15]. Schmidt, Maria Luisa Sandoval (2015). Aconselhamento psicológico como área de fronteira. Psicologia USP. V. 26, n. 3, 407-413
- [16]. Spanoudis, Stephen (1981). A todos que procuram o próprio caminho. Em M. Heidegger, Todos nós... Ninguém: Um enfoque fenomenológico do social (p. 9-24). São Paulo: Moraes.
- [17]. Tassinari, Marcia (1999). Plantão Psicológico Centrado na Pessoa como Promoção de Saúde no Contexto Escolar. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- [18]. Vendramel, Mayra Caroline; Pocaia, Patrícia de Oliveira Ferreira; Santos, Laíze da Silva. (2017) A importância do plantão psicológico no ambiente escolar. Psicologia.pt. Portugal, p. 1-5, janeiro.
- [19]. Vilella e Souza, Laura (2018) Aconselhamento psicológico como construção social. Psicologia: Ciência e Profissão Abr/Jun. v. 38 nº2, 262-274. <https://doi.org/10.1590/1982-370300376201>.